

## OS GRANDES DESAFIOS ENFRENTADOS PELA MULHER NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

José Anselmo da Silva Neto (1); Beatriz Lima de Oliveira (2)

*Instituto Federal da Paraíba, [anselmo.neto96@gmail.com](mailto:anselmo.neto96@gmail.com) (1)*

*Universidade Federal da Paraíba, [blima3509@gmail.com](mailto:blima3509@gmail.com) (2)*

**Resumo:** Em meio a tantas obras, tornou-se precário a mão de obra na construção civil, dessa forma, uma cena nunca antes visto, há algumas décadas, começou a fazer parte desse cenário, a presença de mulheres trabalhando na execução das obras. Apesar dos avanços no mercado de trabalho da construção civil, os problemas ainda se tornam existentes quando se fala em preconceito e até mesmo na falta de oportunidades por parte das mulheres nesse setor. Foi realizado uma pesquisa em campo com obras diferenciadas, conforme o tipo de construção. Escolhemos uma obra de construção pesada e duas do ramo de edificações consideravelmente mais leve (construção convencional e condomínio residencial). Na realização das edificações observou-se ter a presença feminina (pedreiras e serventes), na realização de limpeza da obra e rejunte de cerâmica. As obras civis não são muito reconhecidas como ambiente de trabalho para o sexo feminino. Acreditamos que esse setor precisa de uma reformulação de ideia em relação as relações de gênero, ao levarmos em consideração os aspectos sociais, histórico e cultural. Os principais problemas enfrentados foram: falta de mão de obra qualificada, assédios sexuais e as marcas da divisão sexual no ambiente de trabalho. Portanto, os canteiros de obras são sim lugares para a atuação profissional das mulheres, contudo, reconhecendo das suas necessidades físicas para a realização das atividades e que essas mudanças possam ocorrer para que possam exercer sua profissão de uma forma mais digna e longe de quaisquer conflito social e cultural, tornando-os cada dia novos desafios.

**Palavras-chave:** Construção Civil, Sexo Feminino, Desafios.

### Introdução

Apesar dos avanços no mercado de trabalho da construção civil, os problemas ainda se tornam existentes quando se fala em preconceito e até mesmo na falta de oportunidades por parte das mulheres nesse setor. Pesquisas feitas no ano de 2013, mostram que os engenheiros recebem 81% do salário de seus colegas homens na execução de uma mesma atividade.

A luta contra essa realidade tem sido constante, pois já existe algumas iniciativas em alguns locais do Brasil oferecendo cursos profissionalizantes e oportunidades de trabalho a mulheres de baixa renda que tem o anseio de trabalhar na indústria da construção civil.

Em meio a tantas obras, tornou-se precário a mão de obra na construção civil, dessa forma, uma cena nunca antes visto, há algumas décadas, começou a fazer parte desse cenário, a presença de mulheres trabalhando na execução das obras. A inserção feminina tornou-se mais intensa em todo o Brasil com a Copa do mundo, Olimpíadas, a partir do ano de 2010.

No tocante à presença feminina na construção civil, dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2011) [6] nos mostram que, no

(83) 3322.3222

[contato@cintedi.com.br](mailto:contato@cintedi.com.br)

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

Brasil, o número de trabalhadoras neste setor cresceu 65% em uma década. No ano de 2000, elas eram pouco mais de 83 mil entre 1,094 milhão de pessoas empregadas pelo setor. Em 2008, esse número subiu para 137.969. No primeiro bimestre do ano de 2010, 5.258 mulheres conseguiram emprego na construção civil, ocupando 5,9% das vagas geradas no setor nesse período.

Ou seja, a presença feminina nos canteiros de obras mostra-se um grande avanço voltando a uma realidade não vista. Por vezes, abrindo a mão do salto alto e as maquiagens, as mulheres buscam agora o seu objetivo na construção civil, que é o uso dos macacões, capacetes e o não medo pelos respingos de cimento.

Pelo fatos descritos, pôde-se verificar um aumento significativo e a crescente participação neste segmento, espaço social e culturalmente destinado aos homens. É de fundamental importância o desenvolvimento de estudos para ajudar na compreensão dessa nova realidade que já é fato existente ao mundo do trabalho, pois, no nosso entendimento, essas mudanças geram conflitos e repercutem, de uma forma mais intensa e negativa, sobre o trabalho feminino.

Contudo, não foi encontrado nenhum estudo que faça esse estudo científico e comparativo referente à presença das trabalhadoras neste ramo de produção na Paraíba. O que torna evidente a necessidade e dá importância do estudo para as possíveis discussões relacionadas ao uso da inclusão no trabalho consideravelmente masculino.

Contudo, o trabalho teve como objetivo geral fazer a investigação de como é o comportamento de gênero no desempenho das atividades de homens e mulheres no âmbito da construção civil na Paraíba. Procurando-se atingir alguns objetivos específicos, tais como: a existência diferença em função do sexo nas atividades desenvolvidas por homens e mulheres e motivações para a mulher entrar no setor produtivo.

## **Metodologia**

Como pesquisador, me vi um grande desafio à minha frente, devido que é assunto muito pouco discutido na construção civil, que a presença da mulher em obras.

Foi realizado uma pesquisa em campo com obras diferenciadas, conforme o tipo de construção. Escolhemos uma obra de construção pesada e duas do ramo de edificações consideravelmente mais leve (construção convencional e condomínio residencial). Na realização das edificações observou-se ter a presença feminina (pedreiras e serventes), na realização de limpeza da obra e rejunte de cerâmica.

Buscou por meio de entrevistas à mulheres o principal meio investigativo para colher algumas informações. As entrevistas aconteceram com base em um roteiro semi-estruturado, com o intuito de que nosso diálogo com os entrevistados acontecesse de forma fluente, mas sem a perda dos objetivos da pesquisa.

No geral, foi feita a análise de gênero, enfatizando os principais estudos relacionados a esse assunto, trazendo discussões a discussão a inserção das mulheres no mercado de trabalho, dados expressos na realidade e apreendidos por meio da pesquisa de campo.

## **Resultados e discussão**

As obras civis não são muito reconhecidas como ambiente de trabalho para o sexo feminino. Acreditamos que esse setor precisa de uma reformulação de ideia em relação as relações de gênero, ao levarmos em consideração os aspectos sociais, histórico e cultural.

De acordo com Scott (1990) [8], a noção de gênero possui duas partes e várias subpartes que se encontram interligadas. A primeira parte refere-se à ideia de que o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos. Enquanto a segunda, vincula-se à premissa de que o gênero é uma forma primária de relações significantes de poder (SCOTT, 1997, p.289) [9].

Para Louro (1992) [5] focar o caráter fundamentalmente social da categoria em epígrafe não significa negar sua dimensão biológica. Na realidade, esse tipo de compreensão enfatiza a construção social e histórica produzida em decorrência das características biológicas que, frequentemente, se convertem em desigualdades, expressas nos papéis sociais direcionados aos homens e às mulheres.

Ao discutimos qual o melhor ambiente de trabalho, as atividades que as trabalhadoras melhor desenvolvem são as que requerem um maior cuidado durante a sua execução, dedicação e zelo pelo elemento construtivo, por exemplo, o homem não quer saber se vai arranhar uma vidraça, de não arranhar o alumínio. As mulheres tem aquele gosto. Fazem de conta que é da sua casa. São coisas que parecem bestas, mas com o trabalho feminino, a obra sai com uma maior qualidade e impecabilidade na entrega ao consumidor final.

Saffioti (1987) [7], ao refletir sobre as relações de gênero, as compreende como construções sociais e históricas constituintes de um sistema simbólico que valora e cria hierarquias, tendo por referência o sexo e os aspectos culturais de um determinado período histórico. Para a autora, os seres humanos nascem machos ou fêmeas, mas é através da

educação que se tornam homens e mulheres. Segundo ela, a identidade social dos indivíduos é socialmente construída.

Nas obras verificadas, às mulheres cabem nas atividades vinculadas à limpeza e aos serviços que requerem maior cuidado e sutileza, características vinculadas às mulheres. Em decorrência desse tipo de pensamento, muitas vezes, as mulheres muitas das vezes tem nesse setor produtivo sua atuação profissional limitada, como podemos citar, o trabalho em altura, não existir uma restrição para execução por mulheres, conforme a Norma Regulamentadora, surgindo discursos socialmente legitimados mostrando a fragilidade e incapacidade das mulheres no setor.

Em contraposição a esta ideia, convém trazer à discussão o pensamento de Blay (2002) [1]. Esta estudiosa assevera que, no que se refere ao aspecto biológico, os seres humanos assemelham-se aos outros mamíferos, ou seja, podem ser machos ou fêmeas, sendo que a diferença entre ambos é restrita.

De um modo geral, o homem diferencia apenas da mulher nos seguintes critérios: só o homem consegue fecundar; só a mulher pode menstruar, gestar e amamentar. Não existe outra diferença de sexo em relação à isso.

Através de pesquisas no campo, verificou-se que o homem tem mais habilidades para execução de atividades em altura, trabalhos mais pesados e a mulher mostra uma sutileza na questão de acabamentos. Lobo (1991) [4] afirma que a divisão sexual do trabalho é também uma construção social e histórica, que produz e reproduz a assimetria entre as práticas femininas e masculinas, constrói e reconstrói mecanismos de sujeição e disciplinamento das mulheres, produzindo e reproduzindo a subordinação das mulheres e seus trabalhos.

Aos poucos, contudo, o papel das mulheres na sociedade vem sofrendo alterações e elas, cada vez mais, estão ampliando seu espaço na economia nacional. Nas últimas décadas, presenciamos um aumento significativo na participação das mulheres no mercado de trabalho. Segundo dados do IBGE (2010) [3], em 1950, somente 13,6% das mulheres em idade ativa participavam do mercado de trabalho. Em 2009, esse percentual era de 52,7%.

Apesar do referido setor, ao longo da história não ter se apresentado como um espaço para atuação profissional das mulheres, a inserção das mulheres neste ramo encontra-se em ascendência.

É interessante atentarmos que a inserção das mulheres em atividades nas quais os homens predominam, como é o caso da construção civil, não elimina, necessariamente, a discriminação sexual que elas enfrentam. Elas, em

muitos momentos, são vítimas de brincadeiras que, por exemplo, colocam em questão a sua presença nestes espaços, demarcam o setor como espaço masculino e as submetem à situação de constrangimento, tal como:- Lugar de melhor é na cozinha! – Vai procurar uma lavagem de roupa para se entreter...

A remuneração é igual para funções iguais é um dos aspectos de conflito que permeiam a entrada das mulheres no ramo produtivo em destaque. Parte dos trabalhadores não concorda que as trabalhadoras recebam o mesmo salário que eles, mesmo que elas exerçam a mesma função. Daí começam as reclamações. A questão está no preconceito que se expressa na desvalorização do trabalho feminino.

O assédio sexual também se constitui um dos obstáculos que se apresentam à trajetória da mulher trabalhadora, tendo sua origem e sustentação na cultura machista e discriminatória em relação à condição feminina.

Pode-se definir assédio sexual como atentado à liberdade sexual da empregada e promovido por superior hierárquico, por meio de chantagem. Essa chantagem tem de ser tal que crie na mulher receio por seu emprego, cargo ou função e, portanto, reduza sua capacidade de resistência. A posição de poder do assediante não precisa advir necessariamente de um cargo superior no organograma da empresa, mas que, de fato, ele exerça comando sobre a assediada (CALIL, 2007, p.74) [2].

Foi verificado alguns tipos de discriminação, registrando a ocorrência deste tipo de crime. No caso, uma arquiteta foi assediada sexualmente por seu encarregado. Muitos homens se aproveitam de situações, já que a maior parte do convívio é com próprio homem, então quando aparece uma “barbie” na obra, começam as conversas desagradáveis, tirando total proveitos da situação que, por sua vez, são recém-chegados ao ramo, não tendo a sua permanência consolidada. Foi dito a cantada, e o encarregado foi expulso do ambiente de trabalho.

A falta de mão de obra qualificada foi um dos principais responsáveis para gerar esse tipo de situação dá entrada da mulher no mercado de trabalho. Com total consciência do crescimento do público feminino nesse setor, pôde-se observar algumas conquistas dentro do próprio canteiro de obra, por exemplo: banheiros para uso exclusivo feminino, assim como equipamentos de proteção individual (EPI), destinados exclusivamente ao público feminino, tais como: botinas, capacetes de cor rosa e etc.

As opressões vivenciadas pela classe trabalhadora, mostram fatores de estímulo para sindicalização dos operários, também, constituindo-se

um entrave para associação das mulheres, pois se elas pagam os direitos, tem os seus direitos como qualquer homem na produção, acreditando está vulneráveis a realização das atividades.

A participação política das trabalhadoras deste setor seria, em potencial, uma forma de enfrentamento às desigualdades que se expressam neste ramo produtivo, mas, como evidenciaremos a seguir, essa participação política ainda é muito fragilizada.

Embora a construção civil ainda seja um setor dominado pelos homens, pesquisas evidenciam que a força de trabalho feminina está aumentando nos escritórios de engenharia e canteiros de obra do Brasil.

Felizmente, existem cada vez mais mulheres dispostas a enfrentar e vencer a desigualdade, o preconceito e o assédio, pavimentando uma carreira no segmento. Assim, vão também derrubando mitos, como o de que o gênero feminino não tem vocação para as ciências exatas.

Segundo dados do Ministério do Trabalho e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), entre 2002 e 2012, a participação das mulheres na construção civil cresceu 65%.

## **Conclusões**

Por meio da pesquisa realizada nos ambientes de trabalho, verificou-se os principais aspectos na relação de gênero e da inclusão da mulher na construção civil. O ingresso neste ramo é incentivado pela oportunidade e falta de mão de obra qualificada no mercado. A maioria delas sentem orgulho por exercer uma atividade que, até pouco tempo, era de uso exclusivo à população masculina.

Começaram a realizar alguns serviços e a se destacar na execução das tarefas, antes que só faziam os homens, que são as consideradas de fácil execução, mas que demandam tempo e habilidade manual, tais como: assentar e rejuntar a cerâmica. Esta mudança na produção favorece a redução de tempo na execução e dos custos das obras e, ainda, o aumento na qualidade de cada serviço feito.

Vale lembrar que, as atividades consideradas de fácil execução, elas recebam o mesmo salário, que antes só eram pagos para fazer a limpeza da obra, requerendo assim cuidados, atenção e minuciosidade, características que o público feminino levam em seu DNA.

O trabalho na construção civil viabilizou o acesso destas trabalhadoras aos bens e aos serviços que, em um passado bem próximo, constituíam-se inalcançáveis para elas. Muitas delas destacam, ainda, a independência financeira que tiveram em relação aos seus maridos e companheiros.



O assédio sexual também foi um fato presenciado durante o estudo de trabalho. Muitos homens aproveitam de sua posição hierárquica culturalmente e social estabelecida desde os primórdios, como uma situação de “desvantagem” das mulheres, para obter uma vantagem ou favorecimento sexual.

Como podemos perceber, estamos longe de vencer a desigualdade de gênero. Em um ambiente como o da construção civil, onde predominam os homens, esse desafio se torna ainda maior.

Entretanto, a capacidade técnica, força de trabalho e articulação das mulheres na luta por seus direitos estão promovendo progressivas mudanças socioculturais. Isso está impulsionando o progresso feminino no setor. Como resultado, estão surgindo novas gerações de engenheiras e operárias com cada vez mais oportunidades e reconhecimento profissional.

Portanto, entendemos que a Construção Civil, é um espaço culturalmente destinado aos homens, mas que a presença das mulheres em lugar algum não pode ser isenta de conflitos e de questionamentos. Todavia, os canteiros de obras são sim lugares para a atuação profissional das mulheres, contudo, reconhecendo das suas necessidades físicas para a realização das atividades e que essas mudanças possam ocorrer para que possam exercer sua profissão de uma forma mais digna e longe de quaisquer conflito social e cultural. É necessário fazer alterações para pôr em práticas valores nos atos, onde o principal caminho para as desigualdades é a educação, com base na hierarquia de gênero.

## **Referências**

- [1] BLAY, Eva Alterman. (Org.) Igualdade de oportunidade para as mulheres: um caminho em construção. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- [2] CALIL, Léa Elisa Silingowschi. História do direito do trabalho da mulher - aspectos históricos-sociológicos do início da república ao final deste século. São Paulo: LTR, 2000.
- [3] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Síntese de indicadores sociais – 2009 (Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica – n°27). Rio de Janeiro: 1990.
- [4] LOBO, E. S. A Classe Operária tem dois sexos. São Paulo. Edit. Brasiliense, São Paulo, 1991.
- [5] LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, n° 6, pp. 1992, p. 53-67.

- [6] MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. Promoção de igualdade de oportunidades e de combate à discriminação no trabalho. Brasília: 2009.
- [7] SAFFIOTI, H. I. B. Inserção da mulher na força de trabalho brasileira: períodos de prosperidade e períodos de crise econômica no Brasil: 1872-1982. Rio de Janeiro: In: XVI Congresso Latino – Americano de Sociologia, 1986.
- [8] SCOTT, Joan W. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, n.2, 1990.
- [9] SCOTT, Joan W. O gênero como uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e Realidade, n.3, 1992.